

# PRODUÇÃO ARTESANAL, DESIGN PARTICIPATIVO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO MULHERES DA TERRA, PILÕES-PB

**Leiliam Cruz Dantas (UFCG)**

leiliam@uol.com.br

**Luiz Eduardo Cid Guimarães (UFCG)**

adocid05@uol.com.br

**Juliana Donato de Almeida (UFRN)**

donato.juliana@gmail.com



*Este trabalho foi resultado de um projeto de pesquisa e extensão, financiado pelo CNPq, junto a um grupo de mulheres de um assentamento rural, no município de Pilões, estado da Paraíba. O objetivo do artigo é focar a criação de habilidades para a produção de artesanato em meio rural com vistas à geração de trabalho e renda junto a esta população menos favorecida. O processo de pesquisa tomou como base a metodologia da pesquisa-ação aliada ao design participativo, como forma de intervir junto ao grupo de mulheres artesãs, visando promover a produção de um artesanato de qualidade. Por outro lado, buscou-se relacionar a experiência vivenciada aos preceitos da economia solidária, uma vez que a produção de artesanato em questão se pauta na cooperação e no associativismo.*

*Palavras-chaves: Artesanato, design participativo, pesquisa-ação, economia solidária*

## 1. Introdução

A produção de artesanato possui um espaço significativo no contexto dos microempreendimentos do país, sejam formalizados ou não. Em alguns casos, a produção artesanal, que assume feições pré-capitalistas, foge da lógica da organização capitalista e se baseia em estruturas associativas e na cooperação dos seus membros. Para esta direção encaminha-se o trabalho em foco, que buscou examinar o caso da produção de artesanato em meio rural.

O estudo que resultou neste artigo diz respeito a um trabalho de pesquisa e extensão realizado por pesquisadores da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG junto a um assentamento rural no município de Pilões, estado da Paraíba. Trata-se do Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Redenção, que foi implantado em 1998 e inclui 96 famílias. Esta região, outrora produtora de cana-de-açúcar, palco de uma das maiores usinas do estado da Paraíba, hoje transformada em assentamento, sobrevive do plantio da banana e da agricultura de subsistência, praticada pelos seus assentados. As atividades dos pesquisadores compreenderam a criação de habilidades artesanais no âmbito de um grupo de mulheres e vem sendo desenvolvidas no contexto do projeto de pesquisa “Inovação, Desenho Industrial e participação na geração de trabalho e renda em assentamentos rurais no Brejo Paraibano”.

O objetivo deste artigo é investigar a produção de artesanato em meio rural, no território acima mencionado, à luz dos preceitos da economia solidária, através da intervenção do desenho industrial, realizada de modo participativo. Para atingir este propósito se tomou como base o uso da metodologia da pesquisa-ação, diante das similaridades entre esta e o design participativo.

O trabalho encontra-se dividido em cinco partes essenciais: a) algumas rápidas considerações em relação à produção artesanal, seu surgimento, evolução e breves características; b) a produção artesanal realizada com base na cooperação, o que permite sua conexão à economia solidária; c) a intervenção do design de maneira participativa; d) a metodologia da pesquisa-ação, posta como adjacente ao design participativo; e) o caso do grupo Mulheres da Terra e seus resultados preliminares, considerando os aspectos teórico-metodológicos acima mencionados.

## 2. Breves considerações acerca da produção artesanal

Com base em Sandroni (1999), o artesanato pode ser caracterizado como uma atividade produtiva realizada individualmente ou em pequenos grupos de pessoas em que o trabalhador é tanto dono dos meios de produção que utiliza quanto do próprio produto produzido. Nesta atividade, geralmente, usa-se instrumentos de trabalho mais simples, como também não se percebe uma divisão de tarefas em escala sofisticada. Ao contrário, os artesãos tem completo conhecimento de todas as etapas de produção, executando-as totalmente ou quase todas. Se existir divisão técnica do trabalho, esta se apresenta bastante rudimentar. Nestes termos, a produção artesanal pode se destinar tanto ao consumo próprio quanto ao mercado.

A produção de artefatos nos moldes artesanais remonta as mais antigas épocas da sociedade, surgindo a partir do momento em que o homem sentiu necessidade de aperfeiçoar as coisas para o seu uso próprio. Para o autor supra, a atividade artesanal esteve presente em toda a história da humanidade, adquirindo feição própria a partir do Neolítico (SANDRONI, 1999).

Na Idade Média, quando se tem mais conhecimento dos fatos ocorridos nos anais da história da evolução das sociedades, os artefatos já se encontravam mais elaborados e os homens produziam coisas não só para o seu consumo, mas também para um mercado. Pode-se afirmar, com base neste fato, que já se produziam mercadorias àquela época, sob o jugo do sistema feudal. Segundo Sandroni (1999), no início deste último, a produção artesanal ocorria na zona rural, desenvolvida pelo camponês que se caracterizava como auto-suficiente no atendimento de suas necessidades de consumo. Mais tarde, com o surgimento e desenvolvimento das cidades, e com o crescimento da produção e dos mercados, a produção de artefatos passa a ocorrer nas cidades, no âmbito das chamadas corporações de ofício (HUNT, 1989; SANDRONI, 1999). Isto marca a grande separação das atividades realizadas no campo em relação às aquelas desenvolvidas nas cidades nascentes.

De acordo com Hunt (1989), as corporações de ofício funcionavam tendo como figura central o mestre artesão, que trabalhava na produção junto com seus aprendizes. Este mestre se ocupava não só de todas as etapas produtivas, bem como da aprendizagem direcionada aos seus subordinados. Com o crescimento do comércio, juntamente com o das cidades, o sistema artesanal feudal sofre mudanças em sua estrutura de funcionamento. Estas mudanças marcam o surgimento do embrião da indústria capitalista, uma vez que em alguns casos, o artesão perde a propriedade dos meios de produção e o comerciante, que já realizava o processo de intermediação entre o mesmo, os seus fornecedores e o mercado consumidor, se apropria destes meios de produção e se torna o capitalista, passando a exercer todo o controle do processo produtivo.

Dessa forma, a produção artesanal se transforma em produção industrial, em que o artesão se torna um mero vendedor de sua força de trabalho ao dono dos meios de produção. Este artesão, no contexto deste novo sistema, vai perdendo, paulatinamente, a noção do processo produtivo como um todo, uma vez que as etapas da produção passam a se realizar através da divisão de tarefas entre os vários trabalhadores. De acordo com Smith (1985) esta divisão de tarefas é a chamada divisão técnica do trabalho, que caracteriza os primórdios da produção industrial no sistema capitalista.

Entretanto, no contexto da atual fase do capitalismo, marcada pela globalização financeira e produtiva, o artesanato ainda existe ao lado da grande, média e pequena empresa capitalista, assumindo uma importante posição na economia. Em alguns casos, o artesanato existe como empresa formalizada, em outros, subsiste no âmbito da informalidade. De maneira geral, o que se destaca nesta forma de produzir são suas técnicas rudimentares, capazes de valorizar seus produtos, tornando-os específicos e singulares (DANTAS, 2003).

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2001), artesanato é “a arte e a técnica do trabalho manual não industrializado, realizado por artesão, e que escapa à produção em série; tem finalidade a um tempo utilitária e artística”.

O artesanato torna-se, acima de tudo, um trabalho de pessoas que realizam algo com finalidades diversas, seja por questões financeiras ou por puro prazer. Ele é resultado do trabalho de indivíduos que o consideram como arte própria, pois é fruto de sua produção e de seu conhecimento próprio (LIMA, 2005). Este conhecimento, por sua vez, pode ser adquirido tanto de maneira formal, quanto pode ser o conhecimento tácito, oriundo da vivência com a atividade, repassado de maneira informal ao artesão e sendo por este aprimorado.

No Brasil, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (2008), existem 8,5 milhões de pessoas que trabalham com artesanato. O número mostra o quanto significativa é a atividade para a sobrevivência dos brasileiros.

Dentro desse quadro, a produção artesanal assume formas organizativas diversas. Destacam-se aqui aquelas que operam na perspectiva da produção cooperativa, baseada na colaboração existente entre os membros de uma associação com tal finalidade.

### 3. Produção artesanal, cooperação e economia solidária

Conforme anteriormente mencionado, a produção de artesanato pode tanto se dar de forma individual quanto em pequenos grupos. Em termos de micro e pequenas empresas formalizadas, a produção se dá nos moldes capitalistas, porém com a utilização de técnicas artesanais de produção. Entretanto, é bastante comum a existência de grupos de produção artesanal, calcados em estruturas associativas. No contexto destas últimas, a forma de organização da produção e do trabalho assume características específicas, destoando do capitalismo em alguns aspectos.

De acordo com Santos (2008), a atividade artesanal merece destaque na geração de trabalho e renda no contexto de comunidades carentes no Brasil, porém, em sua opinião, “para que o artesanato cumpra esse papel de forma eficaz, é preciso estimular o empreendedorismo e o associativismo, e esse tem sido um importante foco do Sebrae em dez anos de intenso trabalho com o setor.” (SANTOS, 2008, p.12).

A produção artesanal, baseada na cooperação de artesãos, apresenta-se como uma alternativa aos moldes de produção capitalista, porém funcionando no âmbito deste sistema produtivo, que possui lógica própria. Isto ocorre porque há espaço para que esta atividade produtiva alternativa se realize, representando um nicho de sobrevivência de pequenos grupos produtivos ao lado da dinâmica geral da produção industrial capitalista. Na verdade, trata-se de uma lógica de produção, baseada na cooperação e no associativismo, inserida em uma lógica geral convencional, totalmente oposta. Neste sentido, apresenta-se como uma luta de contrários. Entretanto, no que concerne à comercialização dos produtos artesanais, a lógica capitalista se sobrepõe, uma vez que os mercados são completamente regidos por esta.

Na esfera da cooperação e do associativismo se insere a economia solidária. Assim, a produção artesanal pode ser vista como incluída na perspectiva da economia solidária que, por sua vez, além da colaboração, envolve outros aspectos, como: inclusão, autogestão, igualdade entre os membros, repartição de ganhos, decisões coletivas, democracia, entre outros.

De acordo com Singer (2003, p.13), “a economia solidária surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho”. Para o autor, a economia solidária se baseia no princípio da cooperação da produção, em que se destaca: a posse coletiva dos meios de produção; a gestão democrática do empreendimento; a repartição da receita líquida entre os cooperados através de critérios previamente determinados pelo coletivo; o destino do excedente produzido coletivamente, também aprovados por todos os participantes do processo produtivo (SINGER, 2003).

Ao se inserir na lógica capitalista, a economia solidária não pretende se opor ao desenvolvimento capitalista que, por sua vez, promove o progresso da humanidade, mas sim tornar o desenvolvimento mais justo, visando repartir seus benefícios e prejuízos de forma mais igual e menos casual (SINGER, 2004). Para este autor, o atual momento que o capitalismo atravessa, marcado pela flexibilidade nas formas de organização da produção e do trabalho, permite que a economia solidária possa coexistir em seu contexto.

Segundo Singer (2004), com base na flexibilidade mencionada, o desenvolvimento capitalista tem tornado a economia mais mista, combinando, de maneira cada vez mais complexa, os diferentes modos de produzir as mercadorias.

Singer (2002) aponta a autogestão como um aspecto que se sobressai na economia solidária, marcando a diferença entre este sistema de produção e o capitalista. O empreendimento solidário é administrado democraticamente, ao contrário da heterogestão que se pratica nas formas organizacionais capitalistas. Isto suscita uma coesão entre os atores da produção solidária, uma vez que eles tem que tomar decisões conjuntas com vistas a objetivos comuns. De acordo com o mesmo autor, isto não significa que não possam vir a existir conflitos internos de opinião e/ou interesses, o que ameaça a solidariedade entre os membros.

Observa-se que a autogestão representa um esforço excepcional por parte dos integrantes de um empreendimento solidário, já que todos tem que se preocupar com os aspectos gerais do mesmo. Para Singer (2002), este empenho adicional dos trabalhadores promove uma cooperação inteligente, mas, por outro lado, torna-se desgastante quando estes tem que enfrentar questões conflituosas. Além disso, a autogestão ainda exige um interesse total por parte dos trabalhadores, sob pena de fracassar.

Nesse sentido, a idéia de participação se fortalece. De acordo com Singer (2002), ao participar das discussões e decisões coletivas, o trabalhador (produtor) solidário se educa e se conscientiza, tornando-se mais realizado, autoconfiante e seguro. Bordenave (1994) considera a participação como algo que se aprende e se aperfeiçoa, pois se trata de uma necessidade natural do ser humano e, por conseguinte, um direito dos indivíduos. Para o mesmo, as pessoas tornam-se participativas porque esta prática envolve a satisfação de necessidades como: a interação com os outros, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer da criação e a valorização de si mesmo pelas outras pessoas.

Com base no caráter participativo que este modo de organização do trabalho e da produção se remete, insere-se o artesanato sob os moldes da cooperação e do associativismo. É para esta participação que se dirige a ênfase no item seguinte, enfatizando a intervenção do design neste processo.

#### **4. Design participativo e produção de artesanato**

A intervenção do desenho industrial junto ao grupo Mulheres da Terra, objeto deste trabalho, ocorreu através do design participativo. Segundo literatura específica, este tipo de intervenção tem sido frequentemente empregada em países menos desenvolvidos, em busca da resolução de problemas relativos às comunidades carentes ou de baixa renda.

De acordo com Guimarães&Dantas (2008, p.06), a respeito do design participativo, ressaltando a posição do profissional desta área:

“the role of the designer may be that of an 'enabler', or a 'catalyst', co-operating with the small producers to develop their own capability, and their own ideas, introducing new techniques, exchanging experiences and learning with the local innovators”.

Diversas áreas técnicas utilizam a metodologia participativa no desenvolvimento de projetos. Os profissionais que desejam infundir um caráter mais democrático nas tomadas de decisões optam pelo design participativo. Isto tem sido uma prática comum na área de urbanismo, arquitetura e sistemas de computação, em particular na geração de interfaces. Recentemente, a metodologia está sendo cada vez mais utilizada pelo desenho industrial direcionada ao desenvolvimento de novos produtos.

O projeto participativo pode ser considerado um conjunto de ferramentas que tem como objetivo “democratizar” a atividade de projeto, tornando co-autores os usuários finais dos produtos. Teoricamente, esse envolvimento irá refletir os interesses e aspirações dos usuários finais através de decisões coletivas descentralizadas. Essa metodologia tem sido utilizada em diversas áreas como a informática, a geografia, a arquitetura e o desenho industrial. De acordo com a Computer Professionals for Social Responsibility – CPSR,

Participatory Design (PD) is a set of diverse ways of thinking, planning, and acting through which people make their work, technologies, and social institutions more responsive to human needs. PD practitioners aim to improve conditions of work and the quality of life by involving workers, users, and community members in design and development. PD enables users, stakeholders, and other interested parties to play powerful roles in shaping technological and work outcomes to reflect their interests. Through Participatory Design, people around the world are accomplishing significant achievements in collaboratively shaping technology and social environments (CPSR, 1998).

A idéia de se envolver usuários no processo projetual não é nova. Grupos humanos sempre cooperaram internamente para possibilitar a sobrevivência dos mesmos. Um exemplo similar é o conceito de mutirão, que envolve a cooperação de várias pessoas para solucionar um determinado problema. Esse conceito é utilizado em diversos países, em geral para atender a demandas urgentes das comunidades de baixa renda. Os membros se organizam, desenvolvem soluções e realizam ações para resolver um determinado problema, que pode ser de moradia, plantio e colheita de alimentos e outros.

Nas últimas quatro décadas, processos participativos tem sido estimulados por diversas profissões, que veem no conhecimento tácito dos usuários uma fonte crucial nas soluções dos mais variados problemas. Esse conhecimento, em particular de especialistas na área de tecnologia, é reconhecido na literatura de inovação como uma forma eficaz de se obter informações para o desenvolvimento de novos produtos. Pesquisas realizadas na década de 1970 já apontavam a importância do usuário no processo de inovação tecnológica. Uma dessas pesquisas, conduzida por Eric Von Hippel (1976), mostrou que num universo de mais de 111 inovações tecnológicas de instrumentos científicos, 80% das inovações consideradas mais funcionais e eficazes foram inventadas, testadas e prototipadas por usuários dos instrumentos e não pelos fabricantes.

Outro fator que tem possibilitado resultados positivos em projetos participativos é conceito de “inteligência coletiva”, descrito por Atlee (2003) apud Sanoff (2007) como um *shared insight* que estimula o trabalho em grupo através da soma de suas perspectivas individuais, o que produz resultados coletivos muito mais significativos. Este conceito pressupõe uma mudança de postura dos envolvidos que, ao invés de buscar status individual, colaboram para a criação de uma *collective intelligence* mais poderosa do que a soma das perspectivas individuais.

No caso do grupo Mulheres da Terra decidiu-se, desde o início do projeto, que o envolvimento das mulheres no processo de formação, consolidação do grupo e da criação dos produtos seria fundamental para a sustentabilidade da intervenção. O desenvolvimento de produtos nesse contexto inclui também o domínio de várias tecnologias de produção.

Portanto, foi necessária a introdução de diversos processos de fabricação simples e de oficinas de capacitação, onde não só foram introduzidos os processos fabris, mas também uma metodologia projetual. Todo o desenvolvimento das idéias para os produtos foi dividido com os membros do grupo, procurando dividir as responsabilidades do sucesso ou do fracasso.

O resultado até o presente momento obteve apenas sucesso parcial, na medida em que os membros do grupo não tinham praticamente nenhuma experiência na produção de artesanato. Através de um processo gradativo algumas das mulheres já estão se conscientizando que a única forma de dar prosseguimento ao trabalho é através da participação de todas no processo. Obviamente, algumas tem se sobressaído no aspecto criativo e tomado iniciativas que podem sedimentar uma capacidade interna de inovação.

## 5. Metodologia da pesquisa-ação

Considerando que a produção artesanal pode assumir contornos organizacionais baseados na economia solidária, a utilização de metodologias participativas faz-se necessária para o seu desenvolvimento. Neste sentido, adotou-se o uso da metodologia da pesquisa-ação, através da intervenção do design participativo voltada para a produção de artesanato pelo grupo Mulheres da Terra.

A respeito da participação e das metodologias que trabalham na sua promoção, cabe algumas breves palavras. Observa-se, com base na literatura específica desta temática, que as metodologias participativas tem sido bastante utilizadas nos meios sociais, em situações em que se pretende empreender ações, a exemplo de trabalhos de pesquisa realizados junto a comunidades. Dentre estas metodologias, destaca-se aqui a pesquisa-ação. Thiollent (2008, p.16) a define como:

“um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Esta vertente metodológica foi aplicada porque os pesquisadores visavam a realização de ações durante todo o processo, bem como ao final do trabalho de pesquisa. Assim, a pesquisa-ação, mais do que outros métodos de pesquisa participante, tem a característica peculiar de promover uma ação. Segundo Thiollent (2008, p.17), a diferença entre pesquisa participante e pesquisa-ação reside, sobretudo, no fato de que esta última se baseia na implementação de “uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação”. Acrescenta ainda que “é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida” (THIOLLENT, 2008, p.17).

A metodologia da pesquisa-ação se desenvolve de uma forma participativa, onde os pesquisadores atuam no processo de forma diferente da pesquisa convencional, uma vez que se configuram como atores do mesmo, juntamente com os beneficiários da ação (THIOLLENT, 2008).

Assim, com base nesta perspectiva metodológica, aliada ao design participativo, desenvolveu-se o trabalho de pesquisa que será detalhado no item seguinte.

## 6. A produção de artesanato no Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Redenção pelo grupo Mulheres da Terra, em Pilões-PB

O Nordeste brasileiro é região que detém a maior parcela da pobreza nacional, quando comparada às demais regiões (IBGE, 2008). Neste contexto, o artesanato é inserido como forma de sustento para muitas famílias. Com custo de investimento relativamente baixo, o artesanato utiliza na maioria das vezes matéria-prima natural e promove a inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas, estimulando a prática do associativismo.

O caso em foco ilustra a questão da produção de artesanato em meio rural, como uma alternativa de complementação da renda dos trabalhadores do campo. Conforme anteriormente descrito, o artesanato, em seus primórdios, surgiu no meio rural, antes da grande divisão do trabalho entre o campo e a cidade. Atualmente, esta perspectiva é cada vez mais abordada pelos estudiosos da economia e sociologia rural, através do termo “pluriatividade”, em que se destacam as atividades exercidas pelos trabalhadores do campo com vistas à complementação de renda, com ênfase para o turismo e o artesanato (COUTO, 1998).

Acredita-se que o artesanato exercido no espaço rural apresenta-se como uma das mais viáveis alternativas de geração de trabalho e renda neste contexto. Isto porque, além deste objetivo maior, promove o aproveitamento de materiais naturais, bem como de resíduos orgânicos geralmente desperdiçados pela população do campo. Neste sentido, cria-se uma nova consciência em relação à utilização das matérias-primas oferecidas pela natureza.

Somando-se a isso, tem-se a produção de artesanato em meio rural através da participação e cooperação dos membros envolvidos. É para esta direção que se volta o presente trabalho, através da experiência de um grupo de mulheres de um assentamento de reforma agrária no Nordeste do país, especificamente no estado da Paraíba. Trata-se do grupo de artesanato Mulheres da Terra, situado no município de Pilões, na microrregião do Brejo Paraibano.

A formação do grupo Mulheres da Terra se deu em outubro de 2005, em que se iniciaram reuniões sistemáticas com os pesquisadores com vistas à descoberta e/ou despertar das vocações artesanais das integrantes. Este processo durou até o final de 2006 e ocorreu no âmbito de um projeto de pesquisa em andamento na região citada: o “Projeto Pilões: Desenho Industrial e Tecnologia Apropriada, uma intervenção sistêmica em assentamentos rurais”. Ao fim da vigência deste projeto, o grupo passou um ano sem funcionamento, voltando às atividades a partir do início de 2008, em um novo projeto de pesquisa, voltado especificamente para o mesmo: “Inovação, Desenho Industrial e participação na geração de trabalho e renda em assentamentos rurais no Brejo Paraibano”.

O grupo de artesanato Mulheres da Terra começou suas atividades contando com 10 (dez) mulheres. Entretanto, com a entrada e saída de integrantes, a quantidade já variou entre 06 (seis) e 16 (dezesesseis) artesãs. As mulheres que iniciaram o grupo situavam-se na faixa etária de 23 a 52 anos, sendo todas casadas e com filhos (de 01 a 06 filhos). Seu grau de instrução variava do analfabetismo à 5ª série do ensino fundamental. A principal fonte de renda da família, oriunda da atividade agrícola (cultivo da banana), variava de R\$ 40,00 a R\$ 150,00/mês. Entretanto, as famílias que participam dos programas assistencialistas do Governo Federal possuíam renda em torno de R\$ 90,00 a 200,00/mês. Atualmente, além das fundadoras, fazem parte do grupo também adolescentes em nível do ensino médio.

Para amenizar esta condição, as mulheres participam dos vários programas oferecidos pelo Governo Federal para as populações de baixa renda, tais como: Fome Zero, Bolsa-família, Bolsa-escola e outros. Mesmo assim, ainda há a necessidade de complementar a renda da família. Foi neste sentido que surgiu a possibilidade de criação de um grupo de artesanato, por parte das mulheres do Assentamento Redenção, o maior dos projetos de assentamento acima relacionados. Diante disto, o projeto tem como objetivo o desafio de buscar promover a geração de trabalho e renda junto às mulheres deste assentamento rural.

Conforme anteriormente mencionado, na primeira fase das atividades com o grupo Mulheres da Terra, os pesquisadores se preocuparam com a descoberta e/ou despertar de habilidades artesanais junto ao mesmo. Desde então, foi aplicada a metodologia da pesquisa-ação aliada à



intervenção dos desenhistas industriais de forma participativa. Neste sentido, os pesquisadores da área de Desenho Industrial buscaram construir, conjuntamente com os pesquisados (mulheres), habilidades relacionadas com a realidade local.

Com base na referida metodologia participativa, os pesquisadores se preocuparam com a participação ativa das mulheres em todas as etapas da pesquisa, sobretudo primando por indagá-las, em primeiro lugar, acerca das opiniões preliminares para as posteriores tomadas de decisão. Desta forma, todas as decisões do grupo tiveram como ponto de partida as próprias mulheres, as beneficiárias das ações. Desta maneira, os pesquisadores não chegaram ao ambiente como detentores de todo conhecimento a ser repassado. Ao contrário, consideraram que o maior conhecimento (o tácito) provinha das próprias mulheres, partindo mesmo do nível de senso comum. Posteriormente, após a participação das pesquisadas, e quando se fazia necessário, o conhecimento formalizado dos pesquisadores sobrevinha para a resolução dos problemas do grupo. O uso deste procedimento foi o que caracterizou a metodologia de trabalho da equipe de pesquisadores como pesquisa-ação.

No contexto do processo de descoberta e/ou despertar das habilidades das mulheres do grupo, observou-se que algumas sabiam fazer um pouco de crochê, de tricô, de pintura em tecido, mas sem grande destreza. O grupo e os pesquisadores chegaram a um consenso sobre algumas opções de materiais a serem utilizados como matérias-primas, considerando a mata nativa do lugar, quais sejam: folha de bananeira, fibra do pseudocaule da bananeira, palha de coqueiro, palha de milho, bambu (existente no assentamento em significativa quantidade), barro, caule de mutamba (árvore nativa), bagaço de cana-de-açúcar, fibra de sisal, sementes nativas diversas.

As dificuldades sobre o que produzir se faziam presentes a todo momento. Após algumas discussões conjuntas, o grupo decidiu iniciar uma série de oficinas visando a capacitação para a produção de artesanato de diversos tipos. As primeiras oficinas realizadas foram: a) conhecimento e manuseio de algumas ferramentas necessárias à fabricação de produtos artesanais; b) modelagem de peças utilizando gesso; c) confecção de produtos artesanais utilizando fibras vegetais nativas a partir dos moldes de gesso produzidos; d) treinamento para utilização de pirógrafo; e) produção de caixas decoradas com mosaicos e sementes locais; f) oficina de fabricação de embalagens de papel e papelão; g) oficina de pintura em tecido; h) noções preliminares de gestão de custos e recursos produtivos e formação de preços dos produtos artesanais.

Após um período de interrupção do projeto inicial para a elaboração de um novo, mais voltado para os objetivos de geração de trabalho e renda junto às mulheres do assentamento rural, as atividades foram retomadas. Estas últimas continuaram na perspectiva da capacitação para o artesanato. Neste sentido, o grupo de mulheres, através do projeto, passou a contar com a intervenção de uma designer ligada ao SEBRAE e especialista na área de artesanato. As oficinas ministradas foram as seguintes: a) círculo das cores; b) crochê; c) bordado; d) fuxico (artefato de tecido cerzido); e) jogos americanos e porta-copos com o pseudocaule de bananeira; f) topiaria (bolas decoradas com fuxico e fibra de bananeira); g) encadernação para confecção de pastas e blocos de congressos, carteiras e porta-cheques com palha de bananeira. Foi nesta fase do projeto que se percebeu um maior estímulo das integrantes do grupo de mulheres, que passou a contar com novas componentes, alcançando o número de 16 pessoas presentes às oficinas, inclusive pessoas bastante jovens, fazendo com que a faixa etária do mesmo passasse a variar entre 12 e 54 anos.



Figura 1 – Oficina de topiaria com o grupo Mulheres da Terra

Assim, concretamente, o grupo começou a funcionar a partir da principal necessidade detectada: a capacitação. Entretanto, por todo o tempo, os pesquisadores buscaram esclarecer o grupo de mulheres a respeito da modalidade de “microempreendimento” que se estava pretendendo formar. Trata-se de um empreendimento do tipo “cooperativo” ou “associativo”, que não se enquadra no conceito de empresa capitalista, uma vez que o principal objetivo não é o lucro, mas sim a criação de uma renda, produto do trabalho conjunto, que será compartilhada com todas as trabalhadoras.

A escolha pela criação deste tipo de empreendimento deveu-se à maneira como o próprio grupo foi formado. Como se tratava de mulheres que já fazem parte de uma estrutura associativa – o Projeto de Assentamento de Reforma Agrária Redenção – a forma organizacional do grupo ocorreu naturalmente, uma vez que a idéia era a do trabalho conjunto.

Como o grupo de artesanato Mulheres da Terra ainda se encontra funcionando com o apoio de um projeto financiado pelo CNPq, pode-se relacionar apenas alguns resultados preliminares alcançados. Após as oficinas realizadas em dois momentos de funcionamento dos projetos de apoio, os primeiros produtos fabricados e encaminhados para comercialização foram os seguintes: panos de prato e tapetes pintados à mão; bolas natalinas decoradas com fuxico e fibra de bananeira; caixas, bandejas e porta-retratos de MDF revestidos com fibra de bananeira; artefatos de crochê e bonecas de pano.



Figura 2 – Caixas de MDF revestidas com fibra de bananeira produzidas pelo grupo Mulheres da Terra

Os produtos foram comercializados, inicialmente, em um evento realizado na Universidade Federal de Campina Grande, com o intuito de perceber a aceitação do público em relação aos mesmos. Observou-se, na ocasião, que os mais vendidos foram as bolas decoradas, em virtude

do período de vendas preceder as festas de final de ano, como também os artefatos de MDF revestidos de fibra de bananeira. Acredita-se que esta demanda resultou da novidade que tais produtos representavam, chamando a atenção das produtoras para a questão da inovação, uma vez que se trata de um mercado que se sobressai pelo que se produz de diferente.

Em termos da inovação de produto, sobressai-se a intervenção participativa dos desenhistas industriais na busca por fazer a diferença na produção de artesanato. Observou-se, no contexto das oficinas de produção realizadas, que o papel do designer era crucial do início ao desenrolar das atividades. Entretanto, verificou-se a existência de capacidade inovativa por parte das mulheres artesãs, uma vez que isto sempre foi uma preocupação dos pesquisadores, sobretudo no seu despertar junto às mulheres. Não só esta capacidade para inovar, como também se observou a tendência marcante de algumas mulheres para a produção de determinados artefatos. Estes potenciais foram continuamente estimulados através do design participativo.

Ao lado dos aspectos favoráveis, surgiram também as dificuldades de operacionalização de algumas tarefas no contexto do grupo de artesanato. Neste sentido, merece destacar os conflitos surgidos ao longo da formação do mesmo até o presente. Os pesquisadores já esperavam a existência dos mesmos e seu equacionamento também foi posto de maneira coletiva, na perspectiva da metodologia participativa que sempre guiou o projeto.

Em primeiro lugar, há que se mencionar os conflitos internos surgidos entre as mulheres do próprio Assentamento Redenção, que faziam parte do grupo, gerando entradas e saídas de membros em alguns momentos. Apesar de viverem em comunidade, percebe-se que não é tarefa fácil o exercício da cooperação no âmbito de uma sociedade individualista.

Desde os primeiros escritos sobre a economia capitalista, realizados pelo fundador da ciência econômica, Adam Smith (1985), que as características egoístas do ser humano eram propaladas como intrínsecas ao novo sistema econômico nascente. Assim, praticar a solidariedade, dentro de um contexto capitalista, torna-se um desafio para quem a executa. A modalidade da economia solidária, como alternativa ao sistema vigente, não pode anular as características deste último, uma vez que se realiza no âmbito deste sistema. Então, pelo menos, pode-se praticar a cooperação no que concerne à produção, uma vez que a comercialização não pode ser feita em um “mercado solidário”, mas sim no próprio mercado capitalista.

Outra dificuldade verificada foi a grande dependência que o grupo de mulheres artesãs desenvolveu em relação à equipe de pesquisadores. Isto ocorreu tanto em termos do desenvolvimento das habilidades para a produção dos artefatos quanto em termos da aquisição de materiais para a produção, do planejamento e da aplicação dos recursos, do processo de comercialização, bem como da reinversão dos ganhos obtidos com os produtos vendidos.

Acredita-se que o obstáculo acima se deve a fatores relacionados à cultura nordestina ligada ao seu meio rural. A agricultura desta região sempre foi marcada pelo autoritarismo nas relações de trabalho. A figura do dirigente do processo produtivo se sobressaía, de modo que hoje se torna complicado realizar uma atividade baseada na autogestão.

Por outro lado, os trabalhadores atualmente são beneficiados pelas políticas assistencialistas do governo federal, tanto aquelas específicas para os assentamentos rurais, quanto as políticas mais gerais destinadas às populações carentes. Muitas vezes, a possibilidade de receber

auxílio sem qualquer esforço desestimula a realização do trabalho e o enfrentamento das dificuldades a este relacionadas.

Atualmente, o grupo encontra-se em discussão acerca do processo de repartição dos ganhos e aplicação dos recursos oriundos das vendas, conforme os preceitos da economia solidária. Assim, o coletivo está buscando repartir os resultados da produção de acordo com a produção individual de cada membro, de modo que cada um disponha uma porcentagem dos seus ganhos para a reposição de material para a próxima produção. Porém, como é comum aos processos de experimentação, estas deliberações ainda não se fazem de maneira pacífica. O que se percebe, no entanto, é que o grupo está aprendendo a conviver com as dificuldades e tentando superá-las.

Mesmo em face das dificuldades, o grupo Mulheres da Terra apresenta perspectivas auspiciosas de crescimento e desenvolvimento. No momento atual, o grupo está entrando em uma fase de produção sistemática para a venda de seus produtos em uma feira ecológica, realizada semanalmente na UFCG, em Campina Grande, em fase de experimentação. Espera-se que esta tentativa seja promissora para que, no futuro, o grupo possa galgar mercados mais amplos e sofisticados, como as feiras de artesanato estaduais e regionais, realizadas em determinados períodos do ano em diversas localidades do Nordeste.

## 7. Considerações finais

Apesar de se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, em que se pode apenas relacionar os seus resultados preliminares, este trabalho aponta algumas constatações acerca do surgimento e desenvolvimento do grupo de artesanato Mulheres da Terra, do Assentamento de Reforma Agrária Redenção, em Pilões-PB.

Ao longo do processo de atuação do projeto de pesquisa, financiado pelo CNPq, junto ao referido grupo, verificamos que a adoção da metodologia da pesquisa-ação, aliada ao design participativo, vem apresentando resultados satisfatórios. Isto porque permite a participação ativa de todos os membros envolvidos no processo de pesquisa, sobretudo dos atores beneficiários das ações empreendidas.

O grupo Mulheres da Terra surgiu como um micro-empreendimento cooperativo, por isto foi aqui relacionado à economia solidária, em que os princípios de colaboração da produção se fazem presentes. Desta forma, o grupo existe com base no associativismo, na igualdade entre seus membros, bem como na repartição dos encargos e ganhos.

Não obstante, no contexto dessa forma de organização da produção e do trabalho, observou-se a existência de conflitos entre os membros e dificuldades a serem enfrentadas pelos mesmos. Entretanto, o grupo permanece guiado pelo seu objetivo maior, além do desafio de produzir em cooperação, qual seja, a necessidade da geração de trabalho e renda, com vistas a subsidiar a sobrevivência das famílias do assentamento rural.

## 8. Referências bibliográficas

ATLEE, T. The tao of democracy. The Writers Collective. Cranston, 2003 *apud* SANOFF, H. Special Issue on participatory design. *Design Studies*, v.28, n.3, maio 2007.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COMPUTER PROFESSIONALS FOR SOCIAL RESPONSIBILITY. Post-Conference Information. BIENNIAL PARTICIPATORY DESIGN CONFERENCE, 5, Washington, 1998. <<http://cpsr.org/prevsite/conferences/pdc98/index.html/>>. Acesso em: 21 abr. 2009.

**COUTO, A. T.** *Artesanato: uma estratégia de sobrevivência da agricultura familiar?*. 1998. Disponível em: <[http://www.portaldoagrovit.com.br/agro/diversos/artesanato\\_uma\\_estrategia\\_de\\_sobrevivencia\\_da\\_agricultura\\_familiar.pdf](http://www.portaldoagrovit.com.br/agro/diversos/artesanato_uma_estrategia_de_sobrevivencia_da_agricultura_familiar.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2009.

**DANTAS, L. C.** *Desenvolvimento local e valorização de produtos dos engenhos de cana-de-açúcar em base territorial: o caso do Brejo Paraibano*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

**GUIMARÃES, L. E. C. & DANTAS, L. C.** *Participatory design: possibilities of interventions for low-income populations – Northeast – Brazil*. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INDUSTRIAL ENGINEERING AND OPERATIONS MANAGEMENT, 14., 2008, Rio de Janeiro. [*Anais eletrônicos...*] Rio de Janeiro: ABEPRO, 2008. 1 CD-ROM.

**HUNT, E. K.** *História do pensamento econômico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. 2008. Disponível em: <<http://ibge.org.br>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

**LIMA, R.** Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão. *Cadernos ArteSol*, São Paulo, jul. 2005.

**SANDRONI, P.** *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.

**SANTOS, C. A.** Conjuntura favorece estruturação produtiva e comercial. In: SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Artesanato; um negócio genuinamente brasileiro*. v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://www.institutomeio.org/downloads/Um%20neg%C3%B3cio%20genuinamente%20brasileiro.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

**SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS**. *Artesanato; um negócio genuinamente brasileiro*. v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://www.institutomeio.org/downloads/Um%20neg%C3%B3cio%20genuinamente%20brasileiro.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

**SINGER, P.** Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. *Estudos avançados*. Vol.18, n.51, p.7-22, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n51/a01v1851.pdf>>. Acesso em: 22 set.2008.

**SINGER, P.** *Economia solidária no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

**SINGER, P.** *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

**SMITH, A.** *A riqueza das nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

**THIOLLENT, M. J. M.** *Metodologia da pesquisa-ação*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

**VON HIPPEL, E.** The dominant role of users in the scientific instrument innovation process. *Research Policy*, v. 5, n. 3, p. 212-239, jul. 1976.